

ANOS INICIAIS DE ENSINO E OS CONCEITOS DA HISTÓRIA E DA GEOGRAFIA NA MUSICALIDADE DE LUIZ GONZAGA

Autor: Joais Martins Silva¹; Orientadora: Ana Maria de Barros²

Universidade Federal de Pernambuco

Resumo: este artigo se propõe a discutir o ensino da história e geografia para os anos iniciais de ensino, em um momento o qual, no interior das escolas o conhecimento tem sido hierarquizado, por meio das políticas de avaliação externa, que privilegia certas áreas do conhecimento (a saber a Língua Portuguesa e Matemática) em detrimento de outras. O texto tem como questão norteadora, pensar: Como a musicalidade de Luiz Gonzaga apresenta os conceitos estudados na história e na geografia e como podem auxiliar o ensino dessas disciplinas? Como objetivo geral temos: Compreender a maneira que a musicalidade de Luiz Gonzaga apresenta os conceitos estudados na história e na geografia e como podem auxiliar o ensino dessas disciplinas. Como objetivos específicos temos: 1) Expor os conceitos de sujeito histórico, tempo histórico e fato histórico; 2) Apresentar os conceitos de lugar, território e paisagem; 3) Identificar na musicalidade de Luiz Gonzaga os principais conceitos da história e da geografia; 4) apontar estratégias didático-pedagógicas por meio da música no ensino de história e geografia. O texto está organizado da seguinte forma: a) Introdução; b) Sujeito Histórico, Tempo Histórico e Fato Histórico; c) Lugar, Paisagem e Território; d) Luiz Gonzaga: Cantando a História e a Geografia do Nordeste; e) Estratégias Didático-Pedagógicas e finalmente; f) as Conclusões.

Palavras-chave: Ensino de História e Geografia, Música, Luiz Gonzaga.

INTRODUÇÃO

É comum associar a música as identidades culturais de um povo e/ou nação. Certamente é também o que acontece, quando se pensa no Brasil. Somos conhecidos/identificados mundialmente por nossa alegria advinda pelas nossas manifestações culturais, a exemplo da música, sempre associada com a dança, como é o caso do samba.

Geograficamente o Brasil é um país extenso e, portanto, a expressão musical não se limita ao gênero anteriormente citado, mas outros, como o sertanejo na região Centro-Oeste, o vanerão no Sul do país, o pagode no Sudeste, o carimbó na região Norte e finalmente o forró no Nordeste.

A música além de um conjunto de melodias e arranjos materializados por meio de instrumentos e acompanhados comumente por uma letra, traz consigo a marca de um povo, de

¹Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática (PPGECM) da Universidade Federal de Pernambuco/Centro Acadêmico do Agreste (UFPE/CAA) e integrante do Laboratório de Pesquisa em Políticas Públicas, Currículo e Docência (LAPPUC/CNPq). Formação inicial em Licenciatura em Pedagogia pela UFPE/CAA, *e-mail*: joais_martins@hotmail.com

² Professora associada I da Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA), onde leciona Metodologia do Ensino da História e da Geografia no curso de Pedagogia, *e-mail*: anamaria.ufpe@yahoo.com.br

um lugar, de uma história. De um ponto de vista do saber, pode trazer conceitos da história, como: sujeito histórico, tempo histórico e fato histórico; e da geografia como os de: lugar, paisagem, território.

Assim, pensamos na seguinte questão para elaboração desse texto: Como a musicalidade de Luiz Gonzaga apresenta os conceitos estudados na história e na geografia e como podem auxiliar o ensino dessas disciplinas? Nesse sentido, nosso objetivo geral nesse artigo é: compreender a maneira que a musicalidade de Luiz Gonzaga apresenta os conceitos estudados na história e na geografia e como podem auxiliar o ensino dessas disciplinas.

Como objetivos específicos temos: 1) Expor os conceitos de sujeito histórico, tempo histórico e fato histórico; 2) Apresentar os conceitos de lugar, território e paisagem; 3) Identificar na musicalidade de Luiz Gonzaga os principais conceitos da história e da geografia; 4) apontar estratégias didático-pedagógicas por meio da música no ensino de história e geografia.

Nossa justificativa em pensar a musicalidade de Luiz Gonzaga como referência para o ensino se dá pelo fato pensarmos que isso pode: 1) levar os estudantes a perceber por meio da arte (nesse caso pela música) sua realidade social, cultural, histórica e geográfica. De fato, isso é o que almeja os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de história e geografia para o processo de ensino e aprendizagem (BRASIL, 1997b); 2) nos parece ser importante aproximar os campos de conhecimentos, nesse caso, correlacionar história, geografia, arte e outras disciplinas como potencializadores para o ensino, haja visto, que o conhecimento como algo complexo e relacional de fato vem sendo motivo de discussão entre os teóricos (MORIN, 2003); e, 3) por entendermos que a partir do micro, ou seja, do lugar onde se está, é que o/a professor/a deve perceber o currículo (CALLAI, 2014). Nessa direção é pensar no currículo oculto, como referência para o ensino.

O presente texto, tem a finalidade de discutir teoricamente os principais conceitos das áreas da história e geografia. Assim sendo, o mesmo tem um caráter bibliográfico (MINAYO, 2009), bem como, através dos documentos oficiais do currículo dessas disciplinas, os quais também orientam o trabalho dos/as professores/as nos anos iniciais de ensino no processo de aprendizagem.

SUJEITO HISTÓRICO, TEMPO HISTÓRICO E FATO HISTÓRICO

Nessa sessão, nos ancorados nos teóricos e nos PCN de história, para discutir os conceitos de sujeito histórico, tempo histórico e fato histórico. A discussão nos permitirá

perceber como eles se mostram nas canções interpretadas por Luís Gonzaga.

O ensino da História durante o período da ditadura militar foi concebido por meio da disciplina de Estudos Sociais conforme nos aponta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDBEN) de nº 5.692/1971. Isso de certo modo, teve a ver com o poder político da época, que tinha consigo uma ideologia pautada no controle, inclusive, de pensamento e da capacidade crítica. Só a partir da atual LDBEN de nº 9.394/1996 é que o ensino de história volta com o objetivo de proporcionar, “reflexões e debates sobre a importância dessa área curricular na formação dos estudantes, como referências aos educadores, na busca de práticas que estimulem e incentivem o desejo pelo conhecimento” (BRASIL, 1997b, p. 15).

Nesse sentido entender os conceitos discutidos na disciplina de história é indispensável para compreensão da realidade, a exemplo do conceito de sujeito histórico, pois segundo os PCN estes são os “agentes de ação social, que se tornam significativos para estudos históricos escolhidos com fins didáticos, sendo eles indivíduos, grupos ou classes sociais” (BRASIL, 1997b, p. 29).

Cruz e Souza (2013) nos ajudam a perceber como as teorias da história se desenvolveram e trouxeram as pessoas como agentes do processo histórico, e não como passivos na construção do mesmo. Ao contrário, os indivíduos passam a ser modificadores da história e dela fazem parte. Assim, nessa perspectiva entende-se que o sujeito histórico é para além de um personagem narrado, é um indivíduo que se mobiliza e (re)direciona os fatos da história da qual participa.

No que se refere ao conceito de tempo histórico, este não está necessariamente atrelado a concepção de tempo tal como comumente entendemos, isto é, ontem, hoje, amanhã, dia, tarde ou noite. Ao viés essas definições, ganham outra percepção a partir do conceito supracitado, pois nessa conceituação se atribui os sentidos e significados que os indivíduos dão ao tempo e não na dimensão do simples fato de dividi-lo.

Esse tempo cronológico ou físico, embora seja importante para a compreensão da História, não é o objeto de estudo do historiador. O tempo histórico, que abarca a existência humana sobre a Terra e os eventos ligados a ela, é o que interessa para essa análise (CRUZ e SOUZA, 2013, p. 60).

Isso porque, embora todos estejamos em uma mesma data, isto é, vivamos sob um mesmo calendário aqui no ocidente, a maneira que as pessoas, os grupos sociais e/ou nacionais vivenciam esse tempo, não acontece da mesma forma em escala global. Isso porque o que acontece “aqui”, não é o mesmo que acontece “ali”, e assim sendo, as afetações serão distintas.

Durante muito tempo o ensino de história ficou pautado em uma concepção contrária a supracitada. Nessa perspectiva os documentos oficiais nos dizem que em uma época passada, nas escolas para,

[...] compreender a História o aluno deveria dominar, em princípio, a noção de tempo histórico. No entanto, o desenvolvimento dessa noção no ensino limitava-se a atividades de organização do tempo cronológico e de sucessão como datações, calendário, ordenação temporal, sequência passado-presente-futuro (BRASIL, 1997b, p. 23).

Essa afirmação nos leva a pensar sobre outro conceito, isto é, de fato histórico que a depender da concepção do/a professor/a, pode ser compreendido na dimensão dos **significados** ou da **cronologia**. Isso porque o fato histórico de acordo com PCN (BRASIL, 1997b) tem essas duas dimensões.

A primeira se refere ao fato histórico na perspectiva de datas e, assim, ligado a questão cronológica; e a segunda concepção traz um sentido mais amplo, pois considera as questões históricas para além do evento em si e data. Dito de outro modo, o fato histórico nesse segundo viés se relaciona com os outros conceitos aqui discutidos, ou seja, de sujeito histórico e tempo histórico, por justamente trazer uma contextualização dos eventos estudados, no ensino de história. A próxima seção nos apresentará os conceitos estudados na geografia.

LUGAR, PAISAGEM E TERRITÓRIO

Nessa parte do trabalho temos a preocupação de discutir a luz dos PCN de geografia (BRASIL, 1997b) e dos teóricos, os conceitos de lugar, território e paisagem. Essa discussão, assim, como no tópico anterior nos ajudará, a perceber como eles se apresentam nas músicas interpretadas por Luís Gonzaga. A discussão seguirá a seguinte organização: iniciaremos o debate com o conceito de lugar, em seguida de paisagem e por fim de território.

O lugar a primeiro momento nos lembra um espaço, o qual tem características próprias e nome. E é isso mesmo, mas ao aprofundarmos o conceito, existe um outro aspecto que nos permite ir para além dessa compreensão, isto é, de ser um ambiente com características específicas. Isso porque, nesse lugar existe: pessoas. E essa existência humana é que vai dar o sentido a ele. Dito de outra forma, o lugar só assim o é, na dimensão em que o conceito sugere, se este espaço geográfico tiver sentido e significado para quem nele habita. Sobre o que estamos afirmando os PCN nos dizem que,

[...] sobre essas noções de espaço pressupõe considerar a compreensão subjetiva da paisagem como lugar: a paisagem ganhando significados para aqueles que a vivem e

a constroem. As percepções que os indivíduos, grupos ou sociedades têm do lugar nos quais se encontram e as relações singulares que com ele estabelecem fazem parte do processo de construção das representações de imagens do mundo e do espaço geográfico (BRASIL, 1997b, pp. 74-75).

Na mesma direção Callai (2014) no diz que “os lugares são repletos de história (...). As pessoas que vivem em um lugar estão historicamente situadas e contextualizadas no mundo” (p. 236). Então fica evidente que o conceito de lugar está ligado a dimensão subjetiva dos sujeitos, ou seja, as representações pessoais que cada pessoa faz em relação ao lugar geográfico.

E o que é a paisagem? A paisagem na geografia é a maneira a qual as pessoas podem realizar uma leitura sobre o funcionamento das ações humanas. Realmente, na geografia se “estuda as relações entre o processo histórico que regula a formação das sociedades humanas e o funcionamento da natureza, por meio da leitura do espaço geográfico e da paisagem” (BRASIL, 1997b, p. 74).

Quando estamos em uma cidade e notamos os prédios, carros, pessoas, comércio e outros elementos da vida urbana, a paisagem está nos informando sobre os modos de vida dos indivíduos que ali vivem. A paisagem “não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.” (SANTOS, 1988, p. 62).

Portanto, a paisagem é algo que perpassa a dimensão do físico, ou seja, para além daquilo que olhos conseguem enxergar, a paisagem vem a ser algo que ao contemplarmos, ela revela os processos naturais e humanos que a mesma passou e continua a passar.

O que a paisagem mostra é o resultado do que aconteceu ali. A materialização do ocorrido transforma em visível, perceptível o acontecido. A dinamicidade das relações sociais e das relações do Homem com a Natureza, desencadeia um jogo de forças, cujos resultados são concretos e visíveis. Descrever e analisar estas paisagens supõe, portanto, buscar as explicações que tal “retrato” nos permite (CALLAI, 2014, p. 238).

Por fim, analisemos o conceito de território. De maneira simples e objetiva, pode-se dizer que o território é um espaço geográfico delimitado por um grupo de pessoas que dividem aspectos em comum como: a língua, a cultura, costumes e entre outros. E que de certa maneira fazer com que esses sujeitos criem uns com os outros um sentimento de pertença, portanto, de identificação por perceber no outro traços culturais de si (HALL, 2006).

O território é fundamentalmente um espaço definido e delimitado para e a partir das relações de poder. Se as condições necessárias a existência de uma sociedade estão contidas nos recursos naturais de determinadas áreas ou se há ligações afetivas e de identidade entre os grupos sociais e seu espaço de convivência, então estão criadas

Discutidos os conceitos de lugar, paisagem e território pudemos perceber que o estudo da geografia é bastante complexo por justamente buscar explicar o mundo geográfico a partir das relações/ações que os seres humanos estabelecem com o mesmo.

LUIZ GONZAGA: CANTANDO A HISTÓRIA E A GEOGRAFIA DO NORDESTE

Luiz Lua Gonzaga foi um cantor e compositor pernambucano nascido na cidade Exu estado de Pernambuco, em 13 de dezembro de 1912³. Recebeu esse nome em homenagem a santa católica Luzia, justamente por ser esse dia, a comemoração da referida santa católica (SÁ, 2012). Foi um grande artista, que apesar da sua morte em 02 de agosto de 1989, eternizou clássicos da música nordestina: *Asa Branca* e *Xote das Meninas*.

Luiz Gonzaga interpretou músicas que retratam a vida do seu povo. Assim, apresentou a maneira de ser e de existir dos nordestinos, bem como, evidenciou musicalmente a geografia da sua região ao se reportar a vegetação seca, o clima quente e entre outros elementos naturais do Nordeste do Brasil.

A partir das letras de canções interpretadas por ele, que buscamos identificar os conceitos estudados na história e geografia. Sabe-se que esse artista em vida interpretou dezenas de canções e nesse sentido não cabe trazermos todas elas aqui para realizarmos tal análise, portanto, nossa proposição é fazer tal análise por meio de trechos de três delas, a saber: **Asa Branca, Feira de Caruaru e Riacho do Navio**.

Como vimos, o conceito de lugar está ligado a uma dimensão subjetiva que o sujeito faz em relação ao espaço geográfico que habita (BRASIL, 1997b; CALLAI, 2014). Na música “Asa Branca” podemos perceber essa perspectiva quando, por exemplo, o indivíduo retirante (em função da seca) almeja voltar para sua terra de origem assim que ali volte a chover. Nessa direção o trecho de uma de suas canções nos diz “hoje longe, muitas léguas, numa triste solidão. Espero a chuva cair de novo, pra mim voltar pro meu sertão” (TEIXEIRA; GONZAGA, 1996). Ainda do ponto de vista histórico, a música evidencia o êxodo do povo nordestino em função da seca em dados momentos.

O mesmo pode ser percebido na música “Riacho do Navio”, quando o migrante relembra da sua terra natal ao memorizá-la de forma afetuosa em função da maneira tranquila de se viver naquele lugar. Sobre essa tranquilidade trazemos o fragmento da canção quando

³ SITE. UOL. **Biografias**: Luiz Gonzaga. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/biografias/luiz-gonzaga.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em 20 de jan. de 2018.

esta diz “E acordar com a passarada. Sem rádio e nem notícia das terra civilizada” (GONZAGA; DANTAS, 1996).

Como fala Medeiros (2010), o sujeito passa a ter uma construção identitária com aquele espaço.

o conceito de lugar guarda uma dimensão prático-sensível, isto é, trata-se da porção espacial necessária e apropriada para existência individual. Nesse caso, o lugar se configura no espaço vivido e reconhecido. Ao viver e estabelecer relações de consenso e conflito, o indivíduo adquire uma identidade. (MEDEIROS, 2010, p. 72)

No que tange ao conceito de paisagem, este de forma unânime aparece em partes das músicas analisadas. Na canção “A Feira de Caruaru” de criação de Onildo Almeida em 1957, por exemplo, é possível imaginar como é a paisagem daquele espaço. No qual se identifica: a feira, as frutas, comidas e animais que torna aquele ambiente com características bastante peculiares. Não apenas isso, mas diz muito sobre o modo de vida das pessoas, seu cotidiano e sobre quais elementos fazem parte do dia a dia e como a feira relaciona-se com o desenvolvimento da cidade.

Ainda a partir do conceito de paisagem, é possível identificar a hidrografia daquele ambiente sertanejo na música “Riacho do Navio”. A qual traz a seguinte afirmativa: “Riacho do Navio, corre pro Pajeú. O rio Pajeú vai despejar no São Francisco. O rio São Francisco, vai bater no "mei" do mar” (GONZAGA; DANTAS, 1996). Essa canção, retrata bem sobre que paisagem está se falando, por justamente trazer elementos que nos ajuda a identificar os rios daqueles lugares.

Para Medeiros (2010) o conceito de território é concebido pela ideia de que os sujeitos por meio das identificações múltiplas, a saber: a língua, costumes, crenças e outros aspectos determinam os limites geográficos nos quais os sujeitos com traços culturais comuns são agrupados.

Pensamos que, nas músicas cantadas por Luiz Gonzaga o aspecto que se destaca e, portanto, que nos ajuda a perceber como os as pessoas do território nordestino se identificam por meio da fala⁴. Por exemplo, temos “espero a chuva cair de novo, pra mim voltar “pro” meu sertão” ou ainda “Bunecos” de Vitalino, que são conhecidos “inté” no Sul”. Do ponto de vista geográfico essa variação da língua nos diz como “falam” os sujeitos daquele lugar, bem

⁴ Estamos aqui nos referindo a variação linguística. Não estamos de forma alguma dizendo que todas as pessoas da Região Nordeste, usam os termos encontrados nas músicas analisadas. Estamos apenas dizendo que, assim, como em qualquer território, a variação da língua aparece na fala das pessoas que habitam aquela região. Esse esclarecimento é bastante importante, porque os nordestinos sofrem constantemente preconceitos xenofóbicos, inclusive em função da variação linguística, como se esse fenômeno fosse exclusivo do povo nordestino, o que não é verdade conforme nos aponta Bagno (1999).

como, pode nos ajudar a entender que o fluxo de imigração no período da colonização pode ter contribuído para isso, ou seja, para que na região nordeste tenha-se forte variação da língua falada.

Em um dimensão histórica, nos ajuda a entender e explicar aspectos da língua nessa perspectiva. Dessa maneira, a partir desses conceitos chega-se a compreensão que, aquilo se poder **ver** ou mesmo **ouvir** em um território é resultado de uma dinâmica entre as pessoas (agentes históricos), o espaço (a geografia) e o tempo (a história). Como apontado, as pessoas na intersecção desses três aspectos moldam o ambiente e vão se constituindo de uma identidade cultural. E isso acontece, por serem seres ativos nessa construção (CRUZ; SOUZA, 2013).

ESTRATÉGIAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS

Nessa seção temos a pretensão de realizar uma reflexão de como pode ser desenvolvido o ensino da história e geografia no fundamental 1 a partir da musicalidade de Luiz Gonzaga. Ao trazermos essa perspectiva compreendemos que esse processo não se limita as disciplinas anteriormente mencionadas, mas, pode e deve acontecer em viés relacional e correlacional.

Relacional no sentido de dizer que as disciplinas estão relacionadas, isto é, não existem independentes umas das outras. E é correlacional por se ampararem, quando se busca maior profundidade acerca de determinados temas, que só podem ser explicados a partir do momento que se faz uma correlação.

O primeiro ponto que podemos evidenciar se trata de inserir a arte no ensino das disciplinas de história e geografia. Ou seja, é retirar da prática pedagógica aquela concepção clássica de ensino voltado apenas para os conceitos e do isolamento disciplinar. Para que esse paradigma seja descontinuado pensamos na abordagem triangular.

A abordagem triangular, é uma perspectiva teórica discutida na área da arte, a qual é baseada na concepção freireana, ou seja, de que antes da “leitura da palavra” (portanto, antes dos conceitos) existe uma “leitura de mundo” (uma análise contextual) (BREDARIOLLI, 2010). Em outras palavras, se busca compreender o que está além do óbvio, porque o evidente é aquilo que é visto, mas o “oculto” que só é identificado se for problematizado ou estratégias tenham sido realizadas para se chegar a tal compreensão. E acreditamos que nessa direção É que a arte (em forma de música) na dimensão da abordagem triangular pode ser uma alternativa.

Outra estratégia pode ser pensar a história, geografia com a disciplina de Língua Portuguesa. Assim, se propõe nessa disciplina trabalhar a dimensão do gênero textual, ao se entender a música como um texto, haja visto que

todo texto se organiza dentro de um determinado gênero. Os vários gêneros existentes por sua vez, constituem formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura, caracterizados por três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional (BRASIL, 1997a, p. 23).

Portanto, sendo a música um tipo de gênero textual a possibilidade de estratégias de ensino se amplia. As quais podemos citar, perceber no gênero textual música a questão da variação da língua, a interpretação e a capacidade de compreensão, sempre tendo o cuidado de trazer os conceitos das outras disciplinas, ou seja, da história e geografia.

Pensamos que outra possível forma de trabalhar as músicas, voltadas para o ensino de história e geografia no fundamental 1 (1º a 5º ano) é por meio da Pedagogia de Projetos. Esse tipo de ensino permite realizar sequências didáticas as quais tem um tema-gerador que possibilita refletir em atividades, as quais ajudem na aprendizagem dos/as estudantes.

Por exemplo, pode-se pensar uma atividade na qual os alunos devidamente orientados, realizem uma pesquisa sobre a vida de Luiz Gonzaga (tema biografia) na busca de não apenas elencar suas principais canções, mas saber onde nasceu (lugar), quem são seus pais e ancestrais (história), a que povo pertence (territorialidade) e em que contextos sócio-históricos estiveram.

Essa mesma sequência didática pode acontecer da seguinte maneira: o/a professor/a pode solicitar aos seus alunos que por meio de algumas canções identifique elementos naturais evidenciados pelas mesmas, e que o/a aluno(a) consiga: identificar a região, os biomas, as diferenças entre as paisagens cantadas e aquelas estudadas nos livros e entre outras possibilidades que a capacidade criativa possa imprimir. Contudo, essas atividades ou outras estratégicas devem estar adequadas a faixa etária e o ano de ensino no qual o estudante se encontre.

Os exemplos supracitados não são as únicas formas de pensar trabalhar a obra de um artista no ensino da história e geografia, pois a entendemos que o/a professor/a com sua capacidade criadora poderá refletir em outras não mencionadas aqui. As que trouxemos têm um caráter exemplar, com o intuito de instigar outras possibilidades. De modo geral, o que nos interessa aqui é pensar a interdisciplinaridade que,

(...) pretende garantir a construção de conhecimentos que rompam as fronteiras entre

as disciplinas. A interdisciplinaridade busca também envolvimento, compromisso, reciprocidade diante dos conhecimentos, ou seja, atitudes e condutas interdisciplinares (BOVO, 2004, p. 02).

Enfim, pretendemos exatamente o que a citação anterior coloca, ou seja, pensar os conceitos da história e geografia para além do seus próprios eixos. De modo, a fazer com que os educandos entendam desde muito cedo, que vivemos em mundo complexo (MORIN, 2003), o qual não pode ser explicado de maneira unilateral, isto é, de único ponto de vista, mas pode e deve ser explicado e compreendido por mais de uma ótica.

CONCLUSÕES

Quando nos propusemos a materializar este artigo, para além dos objetivos explicitamente lançados na introdução do mesmo, tínhamos o intuito também de refletir sobre as possibilidades que um elemento tão comum como é a música pode ser para a prática pedagógica do/a professor/a.

Ainda foi pensar o ensino de uma maneira diferente daquela que estamos acostumados a observar, isto é, um ensino voltado apenas para aprendizagem de conceitos passados de maneira sistemática e irrefletida, que pouco ajuda o aluno a ajuizar sobre a importância disso para sua vida. Nesse sentido, é romper com a pedagogia tradicional na busca de reconfigurar a prática pedagógica.

Repensar a prática pedagógica por sua vez nos faz lembrar que para que isso aconteça, se faz necessário refazer na prática o currículo. Isso porque, ele é um campo no qual há silenciamentos de culturas e povos. Assim pode ser que, personagens importantes estejam invisibilizados. Então a prática do/a professor/a deve trazer esses silenciamentos para o “universo” da visibilidade. Assim fazendo, começa-se a materializar aquilo que os autores chamam de currículo oculto, ou seja, que não está nos documentos oficiais, mas que o/a docente consegue dentro dos limites da sua autonomia realizar em quanto prática.

Enfim, de modo geral, trouxemos de maneira bastante enfática a importância dos/as professores/as trabalhar as áreas do conhecimento de forma conjunta. Como dissemos não entendemos que o ensino deva acontecer em caixinhas, isto é, cada disciplina isolada e sem relações e correlações. Ao invés entendemos que os conceitos podem e devem ser explicados de vários pontos de vista, porque dessa maneira os estudantes poderão construir um pensamento mais consistente, porque ele (o estudante) terá mais de um “discurso” que explicam a razão das “coisas” existirem e serem, não só a partir da história e geografia, mas de outras áreas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Onildo. **A Feira de Caruaru**. São Paulo: Gravadora RCA Victor, 1957.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz?** São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BOVO, Marcos Clair. Interdisciplinaridade e transversalidade como dimensões da ação pedagógica. **Revista Urutágua**, v. 7, p. 1-12, 2004.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 5.692/1971**. Brasília: MEC, 1971. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5692.htm>. Acesso em: 13 de ago. de 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/** Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997a.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia /** Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997b.

BREDARIOLLI, Rita. **Choque e formação: sobre a origem de uma proposta para o ensino de arte**. In: *A Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais*. BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da (orgs.). São Paulo: Cortez, 2010.

CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n66/a06v2566.pdf>>. Acessado em: 20 de nov. de 2014.

CRUZ, Gisele Thiel Della; SOUZA, Daniela dos Santos. **Fundamentos teóricos e práticos do ensino de História**. Curitiba: IESDE Brasil, 2013.

DANTAS, Zé; GONZAGA, Luiz. Riacho do Navio. In: **O melhor de Luiz Gonzaga**. Sony Music, 1996.

GONZAGA, Luiz; TEIXEIRA, Humberto. Asa Branca. In: **O melhor de Luiz Gonzaga**. Sony Music, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro – 11ª ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MEDEIROS, Paulo César. **Fundamentos teóricos e práticos do ensino de Geografia**. Curitiba: IESDE Brasil, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de Campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução Eloá Jacobina. - 8ª ed. -Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

OLIVEIRA, Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SÁ, Sinval. **O Sanfoneiro do Riacho da Brigida:** vida e andanças de Luiz Gonzaga – O rei do Baião. 7ª ed. Recife: Cepe, 2012.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado.** São Paulo: Hucitec, 1988.

SITE. UOL. **Biografias:** Luiz Gonzaga. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/biografias/luiz-gonzaga.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em 20 de jan. de 2018.